

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALCOCHETE



Junho 2013

Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

ESTUDO REALIZADO POR:

Maria José Broeiro Gonçalves



Agradecimentos

Este estudo teria sido impossível sem a colaboração ativa dos nossos alunos participantes, que frequentam em 2012/2013, o décimo ano da Escola Secundária de Alcochete. Gostaríamos ainda de agradecer à Presidente da CAP, a professora Aida Lopes, aos Diretores de Turma do décimo ano e especialmente aos nossos alunos. Muito obrigada a todos.



Índice

	pág.
INTRODUÇÃO	05
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	06
2. OBJETIVOS DO ESTUDO	08
2.1. Objetivos Gerais	09
2.2. Objetivos Específicos	09
3. METODOLOGIA DO TRABALHO	10
3.1. Etapa nº 1 - Análise dos objetivos e documentos da formação	10
3.2. Etapa nº 2 - Orientar o presente trabalho para o contributo	10
3.3. Etapa nº 3 - Elaboração e aplicação de um questionário a quatro turmas do 10º ano, com vista à obtenção de informação diagnóstica	10
3.4. Etapa nº 4 - Análise e tratamento dos dados do questionário	12
3.5. Etapa nº 5 - Resultados obtidos	25
3.6. Etapa nº 6 - Construção de uma proposta de planificação de Educação Sexual por ano de escolaridade	26
3.7. Etapa nº 7 - Apresentação de propostas de atividades por ano de escolaridade	27
3.8. Etapa nº 8 - Construção de um Sítio na Internet designado “Saúde em Pessoa”	28
3.9. Etapa nº 9 - Pensar no Futuro	28
4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA A ESA	29
4.1. 7º Ano	29
4.2. 8º Ano	30
4.3. 10º Ano	32
4.4. 11º Ano	34
4.5. 12º Ano	36



Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

5.	SÍTIO NA INTERNET DESIGNADO “SAÚDE EM PESSOA”	41
6.	PONTOS FORTES E FRAGILIDADES	46
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		49
ANEXOS		50
Anexos 1.	Questionário sobre a Sexualidade	50
Anexos 2.	Carta ao Diretor de Turma	54
Anexos 3.	Carta aos Pais e Encarregados de Educação	55
Anexos 4.	Ficheiro com os dados do Excel	56
Anexos 5.	Tabela com a proposta da planificação anual por turma	57
Anexos 6.	Proposta da planificação anual para o 7º ano	58
Anexos 7.	Proposta da planificação anual para o 8º ano	59
Anexos 8.	Proposta da planificação anual para o 10º ano	60
Anexos 9.	Proposta da planificação anual para o 11º ano	61
Anexos 10.	Proposta da planificação anual para o 12º ano	62



Introdução

“A sexualidade e a educação afetivo-sexual é uma questão imprescindível a ser enfrentada por toda a sociedade”

(Costa, M.C., et. al., 2001, p.223)

A escola é um local privilegiado para a intervenção preventiva, tal como refere Sousa et al. (2007), opinião com a qual concordamos plenamente. Este é o local onde a maioria dos jovens passa muitos anos da sua vida. Por esta razão toda a comunidade educativa, pais, alunos, pessoal não docente, comunidade local e especialmente os professores, deverão desempenhar um papel muito mais ativo no cumprimento destas ações de prevenção. É neste contexto que enquadrámos o nosso trabalho desenvolvido no âmbito da formação intitulada “Educação Sexual em Meio Escolar: Metodologias de abordagem/intervenção” promovida entre os meses de setembro e novembro de 2011.

Perspetivámos o nosso estudo como ponto de partida para uma intervenção/atuação no âmbito da Educação Sexual da nossa escola, a partir do presente ano letivo 2011/2012. Considerámos que poderia ser um bom contributo tanto para a orientação do trabalho da nossa equipa da Educação Sexual, como para o desenvolvimento integral dos nossos jovens alunos, esperando nós contribuir para a formação dos homens e das mulheres de amanhã e que hoje frequentam a Escola Secundária de Alcochete.

A temática da educação sexual começou a ser contemplada em diversas legislações nomeadamente, na lei nº 120/1999 de 11 de agosto, no decreto-lei nº 259/2000 de 17 de outubro, no decreto-lei nº 74/2004 de 26 de março, no despacho n.º 19 737/2005, de 15 de junho, no despacho nº 25995/2005 de 16 de dezembro e mais recentemente na lei nº 60/2009 de 6 de agosto e na portaria nº 196-A/2010, de 9 de abril.

Constatamos atualmente que o presente trabalho, veio contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do Projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual (PESES) da ESA, cujos membros integraram/integram a equipa da escola. Consideramos que as atividades que desenvolvemos para os diferentes anos de escolaridade da escola, elaboradas com base no tratamento dos dados dos questionários aplicados aos alunos do décimo ano e nos conteúdos curriculares constantes na portaria nº 196-A/2010 de 9 de abril, pretenderam servir de base para o trabalho a desenvolver e a finalidade de alterar os comportamentos afetivo-sexuais dos nossos alunos.

O enquadramento do nosso estudo teve em consideração a nossa realidade escolar, tal como se esquematiza ao lado.



Enquadramento Teórico

“No contexto de uma nova cidadania, participativa e inclusiva, os valores, os afetos e a dimensão social são dimensões essenciais a uma cultura de responsabilidade e de aprendizagem ao longo da vida”

(Carneiro, R., 2009, pp. 33-34)

O Ministério da Educação, através da DGIDC (2005) da sua Divisão de Orientação e Apoios Educativos, referiu que seria necessário caminhar para a construção de um verdadeiro modelo de integração curricular da Educação Sexual e que esse modelo exigiria das escolas e dos professores um conjunto de pré-requisitos que iriam desde a organização interna da escola à capacidade dos conselhos de turma para trabalhar em metodologia de projeto (projeto curricular de turma) com os parceiros. Também a capacidade e experiência dos professores para realizarem uma gestão flexível do currículo, prevendo os momentos e as práticas mais adequados para integrar a Educação Sexual constituem pressupostos nesta aplicação. Esta foi a base de toda a legislação que atualmente se encontra em vigor nas escolas portuguesas.

Através da análise da portaria nº 196-A/2010, de 9 de abril, do trabalho da DGIDC (2005) no âmbito da Educação Sexual, publicado no sítio oficial do Ministério da Educação, e ainda do trabalho de Matos (2008), podemos verificar que já desde 1984 se tem manifestado uma preocupação do Estado Português em implementar diversas medidas, com o objetivo de integrar a Educação Sexual no nosso Sistema Educativo (Lei nº 3/1984). Contudo, este processo de implementação da Educação Sexual, como matéria transdisciplinar, surgiu no quotidiano escolar através da Lei nº 120/1999 e ainda do Decreto-Lei nº 259/2000. As legislações referidas incluíam a Educação Sexual nos currículos do ensino básico e secundário, integrada na área da educação para a saúde.

Mais recentemente, o Governo Português, através do Despacho nº 25 995/2005, de 16 de dezembro, determinou a obrigatoriedade das escolas de incluírem no seu Projeto Educativo a área da Educação para a Saúde. No entanto, para reforçar a integração da Educação Sexual nessa área, a Assembleia da República fez aprovar em 2009 a Lei nº 60/2009 que define o conjunto de princípios e regras, em matéria de Educação Sexual, prevendo a organização funcional da Educação Sexual nas escolas portuguesas.

No seguimento desta ideia governamental, situamos as principais conclusões do estudo de Costa et. al. (2001), que consideram que a "educação para a sexualidade, desenvolvida de forma individual ou em grupo, pode contribuir para que os adolescentes vivenciem a sexualidade e suas relações afetivas de forma satisfatória, criativa e sem riscos, vinculados ao respeito mútuo e sem discriminação de género" (p. 217). Para estes autores é importante que a intervenção ocorra através de atividades lúdicas, discussões coletivas e aconselhamento. Assim, a escola, sendo "um dos principais elementos para os contactos interpessoais" (p.219), poderá ser o local ideal para o desenvolvimento pessoal, social e relacional dos



Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

jovens. Na mesma linha de pensamento encontramos Nias (2001) que, ao referir-se à *pedagogia das emoções*, defende que o ato de ensinar envolve tanto uma atividade emocional como uma atividade cognitiva. Assim, este autor considera que o professor não se deve restringir às suas competências técnicas profissionais, deverá também ouvir, dar atenção e acompanhar o aluno enquanto aprendiz e pessoa.

A sexualidade não pode ser considerada isoladamente, mas dentro de um contexto global da vida do adolescente, onde se inclui a sua relação com os colegas, com a família e com toda a atividade escolar. A adolescência para Pereira e Canavarro (2005), é um "período de desenvolvimento humano, marcado por importantes modificações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais, que se produzem em ritmos diferentes, consoante os indivíduos e as vivências num determinado conceito cultural" (p.135).

Será fundamental que os jovens vivenciem a sua sexualidade e as suas relações afetivas sem riscos devendo ser trabalhada a vários níveis, nomeadamente, na escola, nos centros de saúde, nas famílias, mas também nos *media*. Matos (2008) considera que os *media* podem ser ótimos veículos de informação e promoção da saúde e como tal "ótimos aliados de um programa de Educação Sexual" (p.35).

Tarouca e Pires (2010) consideram que a educação sexual na escola passa pela formação de professores, para uma abordagem pedagógica e sistemática aos temas ligados à sexualidade humana, pela promoção de atividades de apoio às famílias, pela educação sexual de crianças e jovens e ainda pelas parcerias, a estabelecer com os serviços de saúde locais. Estes autores referem ainda algumas razões para a importância da educação sexual na escola: a sexualidade faz parte da vida; o papel da escola é fundamental na formação das crianças e jovens em articulação com as suas famílias; a educação sexual informal e espontânea existe, mas não é suficiente; a educação sexual positiva e eficaz ajuda a crescer e a ter uma vivência responsável e saudável da sexualidade, prevenindo os riscos a ela associados.

Também Vilar e Ferreira (2009) realizaram um estudo nacional que revelou que a educação sexual é benéfica, que não produz maior precocidade, e que melhores conhecimentos se relacionam com maiores comportamentos preventivos, maior recurso a profissionais e vivências mais positivas da sexualidade. No final referem ainda que a "educação sexual deverá ser não somente alargada mas também melhorada e avaliada para que a escola e os professores estejam mais presentes e sejam mais eficazes no apoio aos jovens nestas matérias" (p.55).

Tendo em conta a informação recolhida e citada anteriormente, consideramos que o nosso estudo se baseou na interpretação da lei e ainda teve como referência o seguinte:

- A educação para a sexualidade deverá ser desenvolvida de forma individual ou em grupo, através de atividades lúdicas, discussões coletivas e do aconselhamento, que contribuirão para vivências mais satisfatórias, criativas e sem riscos para os nossos jovens alunos, tal como nos referiu Costa et al. (2001);
- O papel determinante da escola, dos centros de saúde, das famílias e dos *média*, para uma evolução eficaz da sexualidade dos jovens, tal como indicou Matos (2008);



Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

- Com melhores conhecimentos ao nível da educação sexual, maiores serão os comportamentos preventivos e as vivências afetivas serão mais positivas. Para Vilar e Ferreira (2009), uma escola será mais eficaz se alargar, melhorar e avaliar o seu trabalho nesta área;
- A importância da formação dos professores das equipas da Educação Sexual, possibilita uma abordagem pedagógica, com o desenvolvimento de atividades que proporcionam uma participação dinâmica dos alunos, opinião de Tarouca e Pires (2010).

Objetivos do Estudo

- Conhecer o entendimento dos nossos alunos sobre questões relativas à educação sexual;
- Diagnosticar a qualidade dos conhecimentos dos jovens sobre diversos tópicos relevantes da sua educação sexual;
- Identificar alguns comportamentos sexuais e amorosos dos jovens, bem como comportamentos preventivos na área da saúde sexual e reprodutiva;
- Promover a conceção de materiais pedagógicos adequados ao contexto, adaptando-os ao público-alvo e às necessidades sentidas;
- Introduzir novas práticas utilizando os recursos desenvolvidos a partir deste estudo/diagnóstico;
- Reforçar, auxiliar e apoiar as competências técnico-pedagógicas dos docentes da nossa escola, na implementação do seu programa de Educação Sexual.

Direcionámos a nossa estratégia de intervenção para o estágio genital de Freud, que corresponde à fase da adolescência dos nossos alunos e que corresponde à etapa onde ocorrem a formação do carácter do adulto e a recapitulação dos estádios anteriores da dependência (estádio oral), da independência (estádio anal) e da identidade (estádio fálico).

Relativamente a Erikson, que foi seguidor de Freud, a nossa intervenção identificou-se com o seu quinto estágio de desenvolvimento, o da *Identidade VS Difusão*, que corresponde aos níveis etários dos nossos alunos dos treze anos até ao ensino superior. É neste estágio que se realizam algumas operações: diferenciação de sentimentos e emoções em si e nos outros; distinção entre a realidade objetiva e subjetiva; adoção da perspetiva de outra pessoa; compreensão do significado simbólico. Assim, deverá ser neste estágio que todos os educadores deverão centrar a sua atuação, para proporcionarem experiências reais e genuínas aos seus alunos.

Em alguns estudos de prevenção no contexto escolar, referidos por Sampaio, D. et al. (2005), relativamente aos estudos desenvolvidos por Gottfredson, salientam-se os programas preventivos “*bem-sucedidos*” nesta área da Educação Sexual e que deverão ter como objetivos: criar a capacidade de iniciar e manter mudanças; envolver equipas baseadas nas escolas; incluir objetivos de clarificar normas; incluir a promoção de competências pessoais e sociais das crianças e adolescentes; serem programas longos. Foi com esta base de conhecimentos que avançámos para a organização do nosso estudo.



Na organização e desenvolvimento do presente trabalho privilegiámos: a introdução de melhorias no trabalho já realizado pelo Projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual (PESES) e ainda o nosso contributo para a alteração dos comportamentos afetivo-sexuais dos alunos da ESA. Com o propósito de que a nossa intervenção se torne um programa de escola bem-sucedido e projetado para o futuro, definimos os seguintes objetivos:

Objetivos Gerais

- Aferir as estratégias de intervenção adequadas ao desenvolvimento afetivo sexual dos nossos alunos;
- Reformular a metodologia e os instrumentos de implementação do projeto mediante a avaliação realizada no final do ano letivo anterior;
- Valorizar a componente afetiva na vida do(a) jovem adolescente.

Objetivos Específicos

- Conhecer o contexto cultural, afetivo e sexual de uma amostra representativa de alunos da nossa escola com recurso à aplicação de um questionário;
- Fazer o levantamento das necessidades dos nossos alunos através da análise e tratamento dos dados recolhidos;
- Apresentar conclusões e refletir sobre a ação necessária a adotar na nossa escola;
- Elaborar a proposta de planificação anual de atividades para os diferentes anos letivos;
- Pesquisar e selecionar atividades de cariz mais experimental e construtivista;
- Desenvolver um pensamento crítico que possibilite atitudes positivas para a sexualidade;
- Estimular condutas sexuais conscientes e responsáveis;
- Associar o desenvolvimento de afetos ao desenvolvimento dos conteúdos mínimos definidos no âmbito da Educação Sexual na seleção de atividades;
- Desenvolver um meio de informação e divulgação da atividade desenvolvida no âmbito da Educação para a Saúde e Educação Sexual da ESA como complemento ao Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno.

Metodologia do Trabalho

Azevedo (2006) considera que a metodologia deve guiar uma investigação e deve descrever e justificar as “metodologias que vão ser utilizadas e os participantes ou informantes, que formam a amostra da população a investigar” (p.45). No nosso estudo pretendemos entender o conhecimento que os nossos alunos têm sobre a sexualidade, no início do seu ensino secundário. O facto de querermos saber mais sobre este processo, levou-nos a um período intenso de aprendizagem, quer no que respeita ao objeto de estudo, quer às formas de o analisar e de o interpretar de modo mais ou menos científico. Assim, definimos nove etapas para a organização do nosso estudo:



Etapa nº 1 - Análise dos objetivos definidos

Analisámos cuidadosamente cada um dos objetivos definidos anteriormente e orientámos todas as nossas ideias para o seu cumprimento.

Etapa nº 2 - Orientar o estudo para os seguintes contributos:

2.1. - Continuidade do Projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual (PESES) da ESA iniciado em 2009/2010 e implementado em 2010/2011. Neste projeto houve a participação ativa dos docentes deste grupo de trabalho, que integraram a equipa da escola, desde o arranque da implementação da Educação Sexual na nossa escola;

2.2. - Melhoria do PESES da ESA através das seguintes estratégias de ação, aí definidas:

- Realização de inquéritos para obtenção de informação diagnóstica;
- Elaboração de um plano de atividades;
- Criação das atividades adequadas a cada turma e nível de ensino;
- Criação e manutenção do *Blog* do projeto “Espaço Saúde”.

2.3. - Na procura de alteração/aquisição/compreensão de comportamentos afetivo-sexuais dos alunos desta comunidade educativa;

Etapa nº 3 - Elaboração e aplicação de um questionário a quatro turmas do 10º ano, com vista à obtenção de informação diagnóstica

O nosso grupo de trabalho aplicou um questionário aos alunos do décimo ano da nossa escola, sobre a temática da Educação Sexual. O objetivo pretendido foi o de conhecer, logo no início do ensino secundário destes alunos, os seus conhecimentos/as suas opiniões sobre o tema. Esta estratégia, de aplicação de um questionário, deverá/poderá ter continuidade nos próximos anos letivos. Idealizámos uma aplicação no início e outra no final do ensino sec



Análise e Tratamento dos Dados

Questionário setembro 2012

Foi aplicado o questionário com base na seguinte amostra:

- 86 alunos, num universo de 234 do 10.º ano, o que equivale a uma amostragem de 36,75%.
- A amostragem ao nível do género é semelhante (53,5% do sexo feminino e 46,5% do sexo masculino), com uma média de idades de 15,7 anos.

Após a aplicação do questionário foi feito o seu registo de dados no nosso ficheiro *excel* (anexo nº4) e foram elaborados vinte e quatro gráficos representativos das diversas questões colocadas, que poderão ser consultados a seguir.

Gráfico 1

Distribuição por género e por idade dos participantes

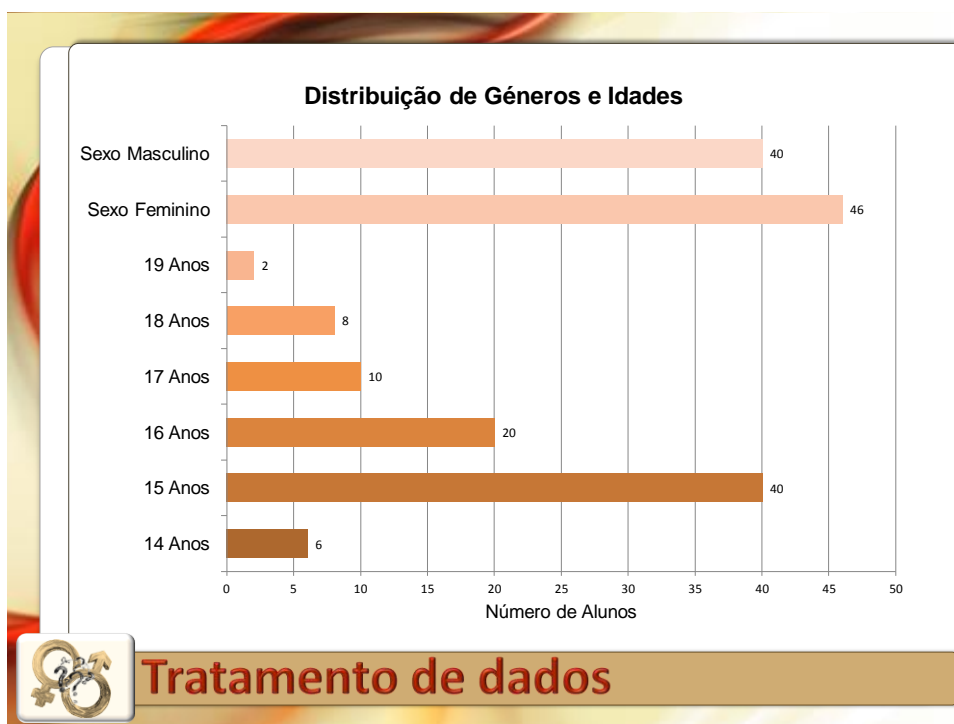


Gráfico 2

O Entendimento da sexualidade e dos afetos

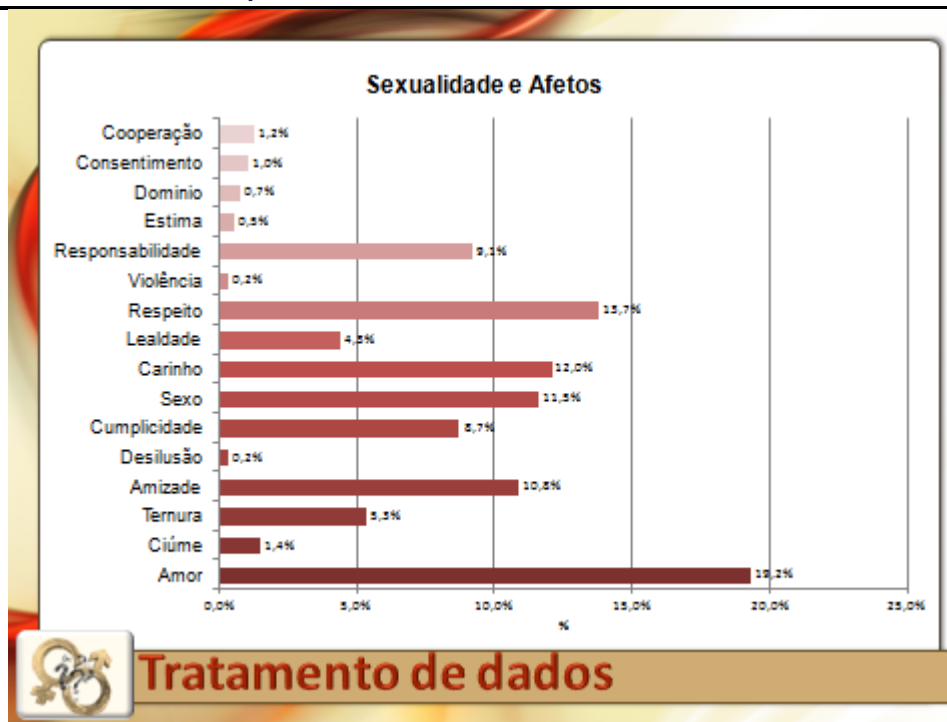
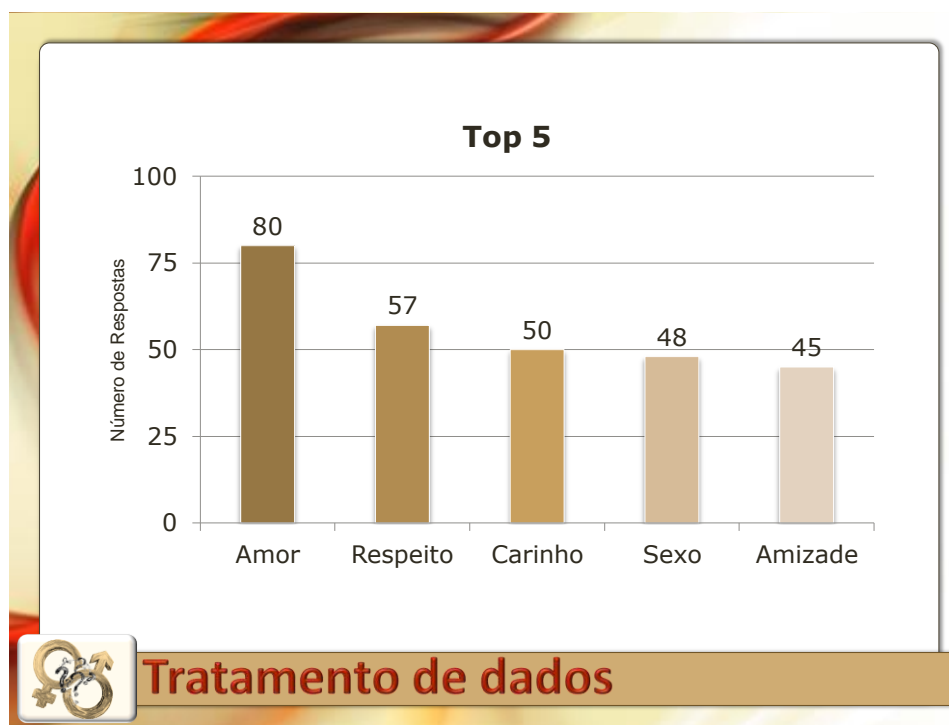


Gráfico 3
Top 5 das palavras associadas à sexualidade





Resultados Obtidos

Questionário setembro 2012

Após o registo dos dados dos questionários e da elaboração dos gráficos anteriores, fizemos a análise dos resultados obtidos e chegámos a algumas conclusões finais das quais salientamos que na totalidade dos inquiridos:

- Se nota uma valorização dos afetos em detrimento dos conteúdos;
- As cinco palavras que mais associaram à sexualidade foram (por ordem decrescente): amor, respeito, carinho, sexo e amizade; sendo que as menos escolhidas foram (também por ordem decrescente): consentimento, domínio, estima e, com o mesmo valor, desilusão e violência;
- A maioria dos alunos - 60,2% - refere não ter vida sexual ativa; entre os 39,8% com vida sexual ativa verifica-se que a mesma é do conhecimento e concordância dos pais.

Assim, desses 39,8% de alunos que declararam ter vida sexual ativa destacamos que:

- Há um claro predomínio das relações heterossexuais;
- A idade de início da vida sexual é variada, sendo o intervalo 13-16 anos o mais apontado; constatou-se que a maioria dos indivíduos do sexo masculino apontaram idades mais precoces, com prevalência para os 13 e 14 anos, enquanto que os indivíduos do sexo feminino iniciaram a vida sexual sobretudo aos 15 e 16 anos;
- Os indivíduos inquiridos tiveram a sua primeira relação sexual com um parceiro mais velho, com o qual tinham/mantinham, maioritariamente, um relacionamento afetivo anterior ou uma relação de amizade;
- O início da vida sexual foi, sobretudo, motivado pela paixão e pela atração física e, apesar de não ter existido planeamento, a grande maioria utilizou preferencialmente o preservativo;
- Nos últimos seis meses, aproximadamente 85% dos alunos referiram ter tido relações sexuais e, mais uma vez, a utilização de contraceção passou pelo uso do preservativo, havendo no entanto também uma grande utilização da pílula;
- A maioria dos alunos conhece a pílula do dia seguinte mas não conhece os riscos associados à sua utilização;
- Se 50 dos inquiridos não suspeitou de gravidez sua ou da sua parceira e 33 indicaram ter iniciado a vida sexual, surge a dúvida: mesmo de forma anónima, será que os alunos têm dificuldade em admitir que já iniciaram a vida sexual?
- No que se refere ao número de parceiros durante a vida, os inquiridos repartem-se em dois grandes grupos, os que consideram que deveria ser apenas um parceiro e aqueles que indicam a possibilidade de ter três ou mais parceiros sexuais;



Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

- Um expressivo número de alunos refere que pretende iniciar a sua vida sexual antes do casamento, indicando os 16 anos como uma idade ideal para a primeira experiência sexual;

Ambos os sexos in

Pontos Fortes e Fragilidades

Pontos Fortes

- Realização de um estudo/diagnóstico sobre a sexualidade da população escolar da ESA no início do ensino secundário;
- Disponibilização de inúmeras propostas de atividades para posterior aplicação pelos conselhos de turma;
- Construção de um sítio na internet designado “Saúde em Pessoa” para tornar mais acessível o GIAA e possibilitar a colocação de dúvidas de forma anónima;
- Alteração da perspetiva de intervenção ao nível da Educação Sexual na Escola Secundária de Alcochete;
- Concretização de um Estudo completo sobre a temática da “Educação Sexual: Um Diagnóstico na ESA”, apresentado a toda a Comunidade Educativa no final do segundo período, integrado no Ciclo de Conferências da Semana da Cultur'Arte da ESA, com a participação das turmas que estiveram envolvidas no estudo e ainda de outras turmas interessadas nesta temática.

Fragilidades

Não Saber Se...

- As nossas propostas de atividades serão aplicadas com o sucesso desejado;
- Conseguiremos, com estas propostas de atividades alterar comportamentos afetivo-sexuais aos nossos alunos;
- O nosso sítio na internet “Saúde em Pessoa” conseguirá atingir a finalidade desejada pelo nosso grupo de trabalho;
- Será possível fazer uma nova aplicação deste questionário aos mesmos alunos, no final do ensino secundário. Possibilitando uma comparação de resultados que seria muito interessante.



Considerações Finais

“A escola ideal é aquela que, em conjunto com uma boa formação académica, dá prioridade ao ser humano”

(Sedó, E., & Valls-Llobet, 2008, p.41)

O nosso grupo de trabalho considera que este seu projeto se foi tornando progressivamente mais ambicioso, como resultado do *brainstorming* da equipa com vista à evolução do trabalho iniciado no ano letivo transato. Pelo que após a análise de todos os resultados obtidos neste nosso estudo, destacamos os seguintes aspetos, considerados por nós os mais significativos:

- Os nossos alunos estão bem informados relativamente à sexualidade, à contraceção e às ISTs;
- As palavras mais associadas à *sexualidade* são as dos afetos, nomeadamente: amor; respeito; carinho; amizade; etc.;
- As dúvidas da sexualidade tiram-nas junto dos seus amigos, mas também valorizam os conselhos dos seus pais;
- A Educação Sexual nas escolas tem alguma importância para metade dos inquiridos, uma vez que estes referem que esta educação os pode ajudar a compreender, a apoiar, a prevenir e a esclarecer as suas dúvidas;

CONCLUÍMOS dizendo que:

- Estes jovens já valorizam os afetos e consideram que todos têm o seu papel na Educação Sexual: os pais, os amigos, os educadores e o centro de saúde (o nosso tem tido um papel determinante na comunidade educativa de Alcochete);
- Todos teremos que nos envolver no auxílio aos jovens que já iniciaram a sua vida sexual, para que haja uma melhoria dos seus relacionamentos;
- MAS devemos intervir de forma muito significativa, junto dos adolescentes que ainda não iniciaram a sua vida sexual, no sentido de os ajudar na promoção de uma sexualidade para os AFETOS.

A abordagem dos conteúdos específicos que têm ocorrido até ao presente ano letivo, por toda a sua equipa coordenadora, têm sido uma prioridade na implementação da Educação Sexual na nossa escola, pelo que deverão ser mantidos e melhorados no sentido da afetividade e das relações interpessoais. Assim, feita a análise da legislação, da teoria e dos resultados do nosso estudo/diagnóstico, constatámos que deverá ser determinante considerar o **desenvolvimento dos afetos** como um fator fundamental ao estabelecimento de uma vida sexual saudável e responsável. A parceria com o Centro de Saúde de Alcochete, tem sido determinante, quer na nossa escola, quer no Agrupamento de Escolas El'Rei D. Manuel



Estudo: Que expectativas de futuro têm os alunos do 10º ano da ESA

I, pelo que os resultados obtidos no nosso estudo aos alunos do décimo ano, serão o reflexo do excelente e longo trabalho de apoio às escolas proporcionado pela Dr^a Rosa Freitas e pela enfermeira Carla Giro. Uma vez que os nossos alunos, já revelam grandes conhecimentos teóricos, perspetivámos o trabalho da equipa da Educação para a Saúde e Educação Sexual da Escola Secundária de Alcochete para a melhoria dos seus comportamentos e das suas relações afetivas.

No decurso deste projeto, o nosso grupo de trabalho, despertou para a importância da integração dos afetos na sexualidade dos nossos jovens e consciencializou-se sobre o papel que representam nas suas vidas.

Tratando-se de um projeto em concretização, a nossa equipa dará continuidade ao mesmo privilegiando três tarefas:

- Apresentação pública a toda a comunidade escolar, dos resultados obtidos neste estudo. Este evento será integrado no ciclo de conferências da Semana da Cultur'Arte, de forma a responder à curiosidade manifestada pelos nossos alunos participantes no estudo;
- Disponibilização de um número significativo de propostas de atividades temáticas, por ano de escolaridade, de forma a desbloquear as barreiras manifestadas no seio da classe docente, aquando da implementação da Educação Sexual na escola;
- Oferta de um estudo diagnóstico, à Escola Secundária de Alcochete, que servirá de base/orientação de apoio a futuros estudos, possibilitando uma comparação e uma análise da evolução/alteração de comportamentos ao nível da sexualidade dos seus alunos.



Referências Bibliográficas

- Azevedo, M. (2006). *Teses relatórios e trabalhos escolares: Sugestões para a estruturação da escrita* (5ª ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Carneiro, R. (2009). O lugar dos valores na educação uma aprendizagem social. In *A urgência de educar para os valores: Um contributo para a literacia social*. Retirado em outubro 19, 2011 de http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap3.pdf
- Costa, M.C., Lopes, C., Souza, R. & Patel, B. (2001). Sexualidade na adolescência: Desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria* (0021-7557/01/77 – Supl. 2/S217)), pp. 217- 224. Retirado em Outubro 28, 2011 de <http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-S217/port.pdf>
- Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (2005). *Educação Sexual em Meio Escolar: Tratamento Estatístico dos Dados de Inquérito aplicado em 2003*. Lisboa: DGIDC - Divisão de Orientação e Apoios Educativos.
- Matos, M. (2008). *Sexualidade, segurança & sida: Estado da arte e proposta em meio escolar*. Cruz Quebrada: Aventura Social e Saúde.
- Nias, J. (2001). Reconhecimento e Apoio do Envolvimento Emocional dos Professores no seu Trabalho. In M. Teixeira (org.) (2001). *Ser Professor no Limiar do Século XXI*. Porto: J S E T.
- Pereira, M., & Canavarro, J. (2005). Prevenção/educação para o risco em torno da sexualidade. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física* (30-31). Lisboa: SPEF.
- Sampaio, D., Baptista, M.I., Matos, M. & Silva, M. (2005). Relatório Preliminar do Grupo de Trabalho de Educação Sexual. ME: Lisboa. Retirado em Outubro 24, 2011 de http://www.netprof.pt/pdf/Relatorio_EduSexual.pdf
- Sedó, E., Pinto, & Valls-Llobet, C. (2008). *Emoções, comportamentos e inteligência: Prevenir os conflitos na escola*. Rio de Mouro: Edições Círculo de Leitores.
- Sousa, A., Pinto, A., Sampaio, D., Nunes, E., Baptista, M.I., & Marques, P. (2007). *Consumo de substâncias psicoactivas e prevenção em meio escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Tarouca, A., & Pires, P. (2005). Sobre educação sexual dos jovens. *Revista Infocedi* (23). Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.
- Vilar, D., & Ferreira, P. (2009). A educação sexual dos jovens portugueses: Conhecimentos e fontes. *Revista Educação Sexual em Rede*, nº5. Retirado em outubro, 2011, de <http://www.apf.pt/?area=002&mid=004&sid=004>



Anexos

Anexo nº 1

